
Gilberto Freyre, ensaísta intercontinental às bordas do Brasil e da Argentina. Diálogo intelectual rio-pratense e recepção argentina

Davidson de Oliveira Diniz¹

Resumo: O artigo discute uma faceta pouco conhecida na obra do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre: a rede de contatos intelectuais e as trocas epistemológicas do ensaísmo freyreano com a América Hispânica. Partimos, para isso, de sua colaboração no jornal argentino *La Nación* na década de 1940, bem como da recepção argentina do referido escritor. É posto em xeque, com isso, o cânone do ensaísmo freyreano a contrapelo do que assegura a fortuna crítica da obra referida, isto é, o ensaísmo de Gilberto Freyre teria se recusado a comparar o Brasil com as regiões culturais de colonização hispânica, assim considerando as articulações da cultura brasileira apenas com as zonas culturais emergentes da colonização exclusivamente lusitana.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; ensaísmo latino-americano; Brasil; Argentina.

Abstract: This paper discusses a little-known facet on the Brazilian sociologist Gilberto Freyre's work: the intellectual contacts and the epistemological exchanges of the freyreano essayism with the Hispanic America. We start, for doing so, from his cooperation in the Argentinean newspaper, *La Nación*, throughout the 1940s, as well as the Argentina reception of this writer. It is called into question, through this, the freyreano essayism canon against the grain of what ensures the critical fortune of the referred work, that is, Freyre's essayism reportedly refused to compare Brazil with cultural regions of Hispanic colonization, thus considering Brazilian culture as-sociation only with emerging areas of exclusively Lusitanian colonization.

Key-words: Gilberto Freyre; Latin American essayism; Brazil; Argentina.

1 Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: davis.diniz@gmail.com.

Introdução

Ao longo do ano de 1941 o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre percorre alguns países do cone sul latino-americano: Paraguai, Uruguai e Argentina. A princípio a viagem cumpriria com as celebrações da lua de mel entre o escritor e a sua esposa, Maria de Guedes. Mas a viagem se tornaria produtiva também do ponto de vista profissional. E assim resultaria tão influente que Freyre viria a ampliar alguns de seus conceitos em direção à parte de colonização espanhola das Américas. A partir daí é possível estabelecer – como pontuaremos a seguir – uma busca por abrangência (senão reformulação) conceitual acerca do que já havia sido dito por Freyre no que tange à colonização portuguesa no continente.

O autor de *Casa-grande & senzala* (1933) regressa dessa viagem tendo criado uma rede de contatos capaz de mantê-lo, desde Recife, em diálogo com os países nomeados acima mediante publicações em jornais e revistas locais. Exemplo disso é a inserção do ensaísmo freyreano no sistema literário argentino mediante sua colaboração no jornal *La Nación*.

Serão discutidos, portanto, os seguintes pontos: de um lado, a proposição freyreana de “interamericanismo” cuja intenção é pensar a especificidade acerca da oposição continentalismo/insularidade das Américas; e, de outro, a recepção e o diálogo com o campo intelectual argentino mediante as colaborações com o jornal da família Mitre. Tais pontos suscitam parte consubstancial de uma cartografia ainda inexistente em torno do comparatismo literário e sociológico entre Argentina e Brasil. Sobrevém dali – ao fim e ao cabo – uma trama intelectual cujos fios enredam nomes como os de Martín Garcia Mérou, Benjamin De Garay, Ricardo Sáenz Hayes, Lúcia Besouchet, Newton Freitas, etc. Vejamos como isso sucede.

A primeira recepção rio-pratense. Freyre correspondente em *La Nación*. O encontro com Benjamin De Garay. Ricardo Sáenz Hayes e a remissão a Martín Garcia Mérou

“Interamericanismo” é o artigo inaugural através do qual Freyre inicia a sua colaboração em *La Nación* a oito de fevereiro de 1942. A noção de “interamericanismo” resulta, fundamentalmente, da ideia de América enquanto um arquipélago sociológico constituído por um conjunto de ilhas culturais – algo não muito distinto, portanto, daquilo que já havia proposto Freyre para o caso brasileiro e sua unidade territorial. Sugere-se que a constituição do continente descreve uma “característica definitiva: a de combinar a unidade com a variedade”. E com isso propõe-se a sobreposição das forças de intensidades regionais interamericanas e das qualidades provinciais não somente de ordem econômicas ou políticas, mas, também, culturais. “Interamericanismo” evoca a diversidade, a harmonia e também o equilíbrio de an-

tagonismos continentais.² Designa que nem as ilhas devem ser negligenciadas pelo critério de continentalidade, nem tampouco deve o continente ser desprezado por um estreito critério de insularidade dos povos ou nações das Américas (Cf. FREYRE 2003a: 47-52).

Por sua vez, “Americanismo e hispanismo” apareceu aos leitores portenhos a 2 de abril de 1942, também tendo sido publicado a 28 de abril do mesmo ano no jornal brasileiro Diário de Pernambuco. Notável é o dialogismo entre esse artigo e o anterior. Há que se destacar, agora, o contexto político da publicação: a política de “boa vizinhança” do presidente norte-americano Roosevelt segundo a qual caberia à América Latina desempenhar um papel de retaguarda interna na luta contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Freyre abre o texto remetendo-se a uma polêmica suscitada por outro artigo que ele mesmo havia publicado em 1939 na revista nova-iorquina *The American Scholar*. Propõe a plena diversidade de formas de governo para as Américas, então algo contrário à homogeneização estadunidense do período em questão. Nesse sentido, Enrique Larreta e Guillermo Giucci comentam que:

Freyre lança uma advertência contra a dimensão puramente política dessas posições [a política rooseveltiana da boa vizinhança] e a vocação hegemônica dos Estados Unidos baseada em sua superioridade técnica e econômica, a qual não implica, em sua opinião, aquisição de direitos à hegemonia cultural. (LARRETA; GIUCCI 2003: 11)

Quanto ao dialogismo em relação à noção de *interamericanismo*, Freyre defende um continentalismo ou um “americanismo pluralista”, jamais uniformista. Com isso se faz signatário do “direito de cada povo da América ter sua própria forma de governo contanto que daí não resultasse perturbação para a vida do continente”, rechaçando, pois, o ideal desenvolvimentista de um “imperialismo ansioso de uniformização social e política” (FREYRE 2003f: 91-93). Uma espécie de reiteração daquele valor qualitativo das diferenças culturais do continente, portanto. A ênfase,

2 Em um dos capítulos do livro Gilberto Freyre e os estudos latino-americanos (2006), organizado por Joshua Lund e Malcolm McNee, o crítico literário e cultural Raul Antelo (2006: 53-98) explica a tendência ao hibridismo na ensaística freyreana através da noção de “ilhas regionais” desenvolvida nos artigos publicados no jornal *La Nación*, algo que favorecia em diversos momentos diferentes tipos de afinidades culturais no contexto latino-americano. Portanto, reconhecemos nessa obra – especialmente no artigo de Antelo – a prefiguração da hipótese desenvolvida acima. Quanto à heterogeneidade metodológica presente na obra freyreana, caberia menção aos trabalhos de Elide Rugai Bastos (1998 e 2003) que, para além do tributo pago à obra de Franz Boas, intertextualidade declarada pelo próprio Freyre, se ocupa da influência de autores espanhóis vinculados à *Escuela de Madrid* no pensamento do sociólogo brasileiro (especialmente nomes emergentes das gerações de 98 e 14, a saber, Ganivet, Unamuno e, posteriormente, Ortega y Gasset).

entretanto, é o quadro político do continente, como podemos notar na seguinte ressalva a ser transcrita:

(...) que a condição sociológica de “ilha” de cada grande povo americano não pode significar dependência de qualquer dos blocos de onde nos vieram os elementos principais de formação de cultura. Tal dependência seria colonialismo. E colonialismo de sabor político. Por conseguinte contrário não simplesmente às formulas mas às tendências mais íntimas do americanismo como expressão de cultura nova e mais livre que a europeia. (FREYRE 2003f: 93)

Segue regular a colaboração de Freyre em *La Nación* até o ano de 1944, data a partir da qual o envio de artigos ao jornal argentino é interrompido devido a violações da correspondência pessoal do escritor brasileiro.³ No jornal dos Mitre aparecem “*Un nuevo humanismo en el Brasil: el científico*” (10 de maio de 1942); “*Un paladín del moderno humanismo brasileño: Euclides da Cunha*” (12 de julho de 1942); “*Prudencia portuguesa*” (6 de setembro de 1942); “*Aspecto religioso de la formación del Brasil*” (27 de setembro de 1942); e ainda uma série de resenhas de livros de autores brasileiros publicados naquele período. Todos, enfim, já dedicados à apresentação de temáticas do campo intelectual brasileiro ao público portenho, e não mais direcionados ao *éthos* americano como havia sido o caso dos dois primeiros artigos de sua colaboração em *La Nación*.

No Brasil o autor chega a publicar dois artigos em jornais do Recife e Rio de Janeiro com os respectivos títulos: “Um exemplo argentino” aparece a 26 de abril de 1942 no *Jornal do Commercio*; e “Outro exemplo argentino” é publicado a 3 de maio de 1942 no jornal carioca *A Manhã*. Do primeiro resulta um elogio ao culto cívico que a República Argentina destina aos “aos grandes homens d’armas e aos grandes homens e letras”, isto é, aos estadistas e aos poetas nacionais. O segundo artigo celebra as instalações e o serviço hoteleiro de Buenos Aires em detrimento dos hotéis brasileiros. Freyre não identifica no Brasil o desenvolvimento de uma mesma lógica portenha no que respeita à hospedaria comercial, dando, para tal comparação, o argumento de uma forte herança da hospitalidade patriarcal na cultura brasileira.

Maior destaque cabe, contudo, à entrevista concedida ao jornal carioca *A Manhã*, quando de sua volta das três mencionadas repúblicas sul-americanas. Nessa entrevista Freyre destaca o seguinte:

3 Dois anos antes Freyre havia sido detido pela polícia de Recife. Foi inclusive levado preso à Casa de Detenção em razão de ter denunciado, em artigo publicado no Rio de Janeiro, atividades “nazi-racistas” no Brasil, acobertadas, segundo ele, pelo Governo do Estado de Pernambuco. A partir daí é constante tanto a violação quanto o extravio da correspondência freyreana. Fato este que explica, entre outras coisas, as dificuldades em manter a colaboração com o jornal argentino.

A impressão mais forte que trago dos países do Prata e do Paraguai é a de que chegou o momento de se iniciarem entre esses povos e o Brasil relações de cultura que envolvam os melhores e mais altos valores de cada povo.

(...) Aliás, ninguém deve pensar em aproximação intelectual que signifique a subordinação do espírito crítico, do espírito pesquisador e criador, àquelas “conveniências” e àqueles exageros, de discricção, de convencionalismo e de falsa polidez, em que se requintam alguns diplomatas, de carreira ou não. (FREYRE 2003l: 186-87)

O ensaísta brasileiro propõe através dessa entrevista um projeto de aproximação cultural capaz de dar uniformidade e regularidades às relações entre o Brasil e a América Latina. Evoca algo mais verdadeiro e também mais substancial do que as aproximações de cunho meramente diplomático via de regra estimuladas pela vaidade oficial dos estadistas. Sua defesa, enfim, é por uma efetividade quanto à interação cultural das partes envolvidas. Tanto é assim que, ao final da referida entrevista, ele se valera do alcance imediato e abrangente do meio de comunicação a que fala a fim de fazer uma solicitação à Academia Brasileira de Letras:

Por seu intermédio, meu caro diretor de *A Manhã*, faço um apelo à Academia Brasileira de Letras, no sentido de procurar manter, nos países do Prata e no Paraguai, cursos de história, arte, literatura e ciência brasileiras, que reatem a brilhante tradição do curso do professor Roquette Pinto, ainda hoje lembrado por cientistas e intelectuais paraguaios. (FREYRE 2003m: 189)

Mencionando o nome Edgar Roquette Pinto (1884-1954) Freyre remonta à missão docente daquele quando do curso de fisiologia oferecido, durante o ano de 1920, na Universidade de Assunção (Cf. FREYRE 2003c: 79-82). Dos contatos de Freyre no Paraguai são destacados, ainda, os nomes de Dom Arsenio Lopes Decoud, aristocrata paraguaio que, segundo o brasileiro, surpreende pela cultura literária e pelas recordações do modernista nicaraguense Rubén Darío e do brasileiro Olavo Bilac, aos quais Dom Arsenio havia conhecido em 1906 no Rio de Janeiro durante a Conferência Pan-americana;⁴ são ainda mencionados Carlos Andrade, ex-ministro da Justiça e, àquela ocasião, diretor do jornal *El Tiempo*; Natalício Gonzáles, que viria a ser presidente do Paraguai oito anos depois; e os estudos do historiador Fulgencio R. Moreno que, segundo Freyre, ofereciam “provas documentais inquestionáveis” quanto à ascendência brasileira do perpétuo ditador paraguaio José Gaspar Rodríguez de Francia (Cf. FREYRE 2003; 2003j). Já a propósito do Uruguai são negritos nomes como o de Batista Luzardo, embaixador brasileiro residente em Montevidéu, destacando a sua iniciativa de fundar o Instituto de Cultura Brasil-Uruguai; do dire-

4 Justamente nessa ocasião, Rubén Darío escreve um poema em celebração dos E. U. A., “*Salutación al Águila*”, cuja epígrafe – “*May this grand Union have no end!*” – é do poeta e diplomata brasileiro Fontoura Xavier.

tor da *Revista Nacional*, Montero Bustamente; do filólogo Boaventura Caviglia; do folclorista Ildefonso Pereda Valdez; entre outros que fazem a lista.

A propósito do inventário onomástico argentino com que Freyre toma contato, ali aparecem os nomes de Luis Mitre, diretor do jornal *La Nación*; Ricardo Levene, então presidente da Academia Nacional de História e que já àquela época desenvolvia um esforço notável no sentido de tornar conhecida a literatura brasileira na Argentina;⁵ Ramon Carcano, brasilófilo argentino; Benjamin De Garay, tradutor de diversos autores brasileiros e responsável por consultorias prestadas a Levene; e de Ricardo Sáenz Hayes, ensaísta e jornalista argentino. Estes dois últimos nomes demandam linhas à parte, visto permitirem verticalizar o tema em discussão.

Benjamin De Garay⁶ é quem traduz a primeira edição em língua espanhola de *CG & S*, publicada em Buenos Aires em 1942 pela *Comisión Revisora de Textos de Historia y Geografía Americana*.⁷ Freyre presta-lhe homenagem com o artigo

5 Ainda que Freyre não comente é oportuno mencionar que, àquela ocasião, Levene se ocupava de um projeto editorial a fim de publicar obras de história argentina no Brasil e de história brasileira na Argentina. Dita proposta, além dos mais, aproxima Levene de outro intelectual brasileiro, Pedro Calmon, quem, do lado brasileiro, somava-se ao projeto. Trata-se, na verdade, de um intercâmbio assinado entre os presidentes Agustín Justo e Getúlio Vargas entre os anos 1933 e 1935. Daí surgiu uma série de convênios e cooperação cultural do qual emerge a “*Biblioteca de novelistas brasileños*” (Editorial *Claridad*), editada por Levene e com a participação de Benjamin De Garay como tradutor, e a “*Biblioteca de autores brasileños traducidos al castellano*”, editada de 1930 a 1951 e presidida por Pedro Calmon a partir de financiamentos do Itamaraty. Ambos, nesse sentido, são antecedentes concretos do livro *Brasil e Argentina*. Um ensaio de história comparada (1850-2002), de Fernando Devoto e Boris Fausto, publicado no Brasil pela Editora 34, 2004.

6 Já a partir dos anos de 1920 De Garay está em trânsito constante entre Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo. Encontra-se, nesse momento, próximo de Monteiro Lobato. Eles são possivelmente apresentados pelo editor santafesino Manuel Gálvez em razão da tradução de *Urupês*, que veio a acontecer em 1921 pela editora *Pátria*, traduzida ao castelhano por De Garay a pedido de Gálvez. Também no referido período De Garay envolve-se com o modernismo brasileiro, tendo integrado a revista *A colméia*. Inspirado em publicação que circulava em Buenos Aires entre os anos de 1917 e 1925, De Garay traz ao Brasil o projeto “A novela semanal” cujo primeiro exemplar sai, no Brasil, em 1921, trazendo, entre outros, o texto “Os negros” de Lobato. A partir daí intensifica-se cada vez mais a tradução e publicação de autores brasileiros na Argentina. Um deles será Graciliano Ramos, cuja correspondência com De Garay pode ser consultada no livro recentemente publicado por Pedro Moacir Maia, *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamin De Garay e Raúl Navarro*, Editora EDUFBA, 2008.

7 A obra referida é publicada em dois tomos, sendo que o segundo deles sai um ano depois, em 1943, pela editorial Emecé, “*Colección Grandes Ensayistas*”, sob a direção do escritor e ensaísta argentino Eduardo Mallea. Também nesta edição aparece o mesmo prólogo de Ricardo Hayes, páginas XI-XLVI. Em 1942 uma prévia de *CG & S* sai pela revista *Sur*, num. 96/ “*Homenaje al Bra-*

“O velho Garay”, publicado a 10 de fevereiro de 1943 no *Jornal do Commercio* de Recife. É Benjamin De Garay que recebe Freyre e Maria Guedes no cais de Buenos Aires. No referido artigo, o escritor recifense destaca que àquele momento De Garay contava já algo em torno de três décadas de vida dedicada à literatura brasileira. “Para Garay” – diz Freyre – “um escritor brasileiro, mesmo o mais medíocre, é quase como se fosse um rei. (...) A literatura brasileira há trinta anos que é sua Pasárgada” (FREYRE 2003h: 105). A menção honrosa a Garay é tamanha que este aparece ao lado de outros nomes dedicados à divulgação da literatura brasileira fora do Brasil, tais como Isaac Goldberg, no que diz respeito aos Estados Unidos, João de Barros em Portugal, e Vitor Orban na França. Com o artigo em questão Freyre reivindica tanto da Academia Brasileira de Letras quanto do Governo Brasileiro um prêmio ou comenda honrosa para o argentino, mérito que lhe caberia em razão de uma vida dedicada à divulgação das letras brasileiras em língua castelhana.

Já Ricardo Sáenz Hayes é quem prefacia a edição de *CG & S*. Tem a tarefa de apresentar a obra freyreana ao público argentino.⁸ Cabe destacar desse prefácio sobretudo o título da primeira seção: “Redescobrimento da Argentina e o Brasil em suas relações intelectuais”. Apresenta-se ali o contexto de recepção da obra freyreana na Argentina, permitindo identificar, ainda, o incipiente interesse por parte da intelectualidade argentina pela brasileira e vice-versa. Sáenz Hayes ressalta que “valores genuínos da literatura brasileira foram celebrados na República Argentina” desde o período dos primeiros viajantes. E, remontando-se ao contexto de tal publicação, observa:

sil”, número este que traz outros escritores brasileiros como a jovem Clarice Lispector de então. Em 1943 sai também pela revista *Sur*, num. 105, o prefácio de Hayes que fora agregado à edição argentina de *CG & S*. Ademais, é possível vincular a publicação de Freyre por Mallea, pela editora Emecé, ao fato de este último estar a cargo da seção literária do jornal *La Nación*. Sendo Mallea uma figura central no grupo *Sur*, explica-se, também, o ingresso de Freyre na revista de Victoria Ocampo. Anos mais tarde, em 1950, a revista *Ficción* também publicaria um número especial sobre o Brasil, porém abrangendo um número maior de autores que *Sur* em 1942.

- 8 A posterior edição de *CG & S* (já editada na Venezuela pela coleção Biblioteca Ayacucho a meados dos anos 1970) não mantém o referido prólogo, o qual, destacadamente, cumprira a tarefa de articular um viés dialógico entre a obra de Freyre e o pensamento latino-americano, enfatizando, sobretudo, o ensaísmo argentino. Em substituição, então aparece a tradução de um dos prefácios da edição brasileira assinado por Darcy Ribeiro que, todo o contrário da apresentação de Hayes, não se ocupa de uma contextualização da obra no contexto amplo do ensaísmo latino-americano, nomeando, assim, apenas Fernando Ortiz, antropólogo cubano que havia cunhado o conceito de “transculturação”. A edição de *CG & S* da Biblioteca Ayacucho, entretanto, oferece ao público de língua castelhana as intervenções de Freyre nas posteriores edições, agregando, com efeito, notas e alterações ao texto originalmente publicado. É mantido o texto da primeira tradução de Garay, cabendo a Lucrecia Manduca a tradução da parte então incorporada à revisão e ampliação do texto freyreano tal como aparece a partir da 16ª edição brasileira.

De diferentes formas, temos demonstrado nossa curiosidade pelo que, em seu tempo, perdura como fruto sutil da inteligência. Conhecemos algo mais que o sol de fogo, ingenuamente evocado como traço destacado de uma décima infantil, a fresca palmeira e o aromático.

(...) Ninguém afirmaria hoje com exatidão que a Argentina e o Brasil se ignoram de modo absoluto.

(...) Em boa hora, o livro argentino apresenta-se nos principais comércios do Rio, de São Paulo e de Belo Horizonte – vi com bastante amor próprio –, ao tempo em que o brasileiro aparece nos nossos e ostenta nomes de pensadores que divulgam, como o de Gilberto Freyre, a cultura do Brasil moderno. (SAÉNZ HAYES 2003: 140, 142-43)

Ao nome de Freyre, Sáenz Hayes agrega uma farta lista de autores brasileiros que tempos antes havia sido lida pela intelectualidade argentina.⁹ Da parte Argentina, Sáenz Hayes destaca o papel desempenhado por Ricardo Levene quanto à publicação de autores brasileiros naquele país e, fundamentalmente, o gesto inaugural de Martín Garcia Mérou, autor do qual nos deteremos em instantes.

Freyre, por sua vez, publica uma resenha a propósito do livro de Sáenz Hayes, *El Brasil moderno* (1942). Com “Um argentino escreve sobre o Brasil” o sociólogo brasileiro destaca a aptidão do escritor argentino para captar a modernização do país àquele período. Tal livro, segundo Freyre, não só contribuíra para reverter o hiato geracional de uma postura argentina “um tanto desinteressada e às vezes até desdenhosa” do Brasil, como também desmistificava que o país, sobretudo o Rio de Janeiro, era fundamentalmente “beleza natural”, “paisagem”, etc. Entretanto, a obra em questão apresenta uma falha segundo a avaliação de Freyre. Refere-se à inaptidão para apreender uma “modificação recente na vida e na cultura brasileira”, assim deixando “na sombra” a “transformação psíquica e social por que vem passando a América portuguesa”. Ou seja, a libertação de complexos no que diz respeito às origens ibérica do Brasil para a qual contribuía a própria obra freyreana àquela ocasião (Cf. FREYRE 2003i: 111-12).¹⁰ A resenha, de todo modo, é bastante favorável ao livro de Sáenz Hayes. Freyre finaliza: “A verdade (...) é que nos deu o livro mais

9 Segundo Sáenz Hayes, a República Argentina já havia celebrado a literatura brasileira através da poesia Gonçalves Dias, das traduções de Odorico Mendes para textos de Homero e Virgílio, dos escritos de Domingo José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia), do romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, do romance Dom Casmurro, de Machado, de O mulato, de Aluísio de Azevedo, da História da literatura brasileira, tanto a de Sylvio Romero quanto a de José Veríssimo, e, ainda, dos textos de Ronald de Carvalho e de Minha formação de Joaquim Nabuco.

10 Freyre esclarece mais detalhadamente o que entende por libertação do trauma brasileiro com relação às raízes ibéricas nos trópicos em artigo publicado na década de 1960, a saber: “Uma visão quase apologética do comportamento hispânico ou ibérico nos trópicos”.

consciosos e mais inteligentes sobre o Brasil moderno aparecido nestes últimos anos”. (Cf. FREYRE 2003i: 113)

De tal maneira se caracteriza o gesto dialógico entre os dois escritores. São textos sucintos – um prefácio e uma resenha. Permitem elencar, porém, pontos de riqueza quanto à prefiguração da comparação entre tais países. Exemplo disso – vejamos a seguir em ambos os autores - é a remissão a Martín Garcia Mérou, autor de *El Brasil intelectual* (1900), quando são elaboradas as respectivas genealogias referentes às primeiras formações discursivas acerca do comparatismo entre Argentina e Brasil:

A despeito da indiferença argentina pela cultura brasileira, não deixou de haver, nos últimos trinta ou quarenta anos, entre os dois países, iniciativas de autênticos homens de letras, de jornalistas de responsabilidade intelectual, de cientistas e artistas de fato e não apenas de rótulo, no sentido de nos conhecermos melhor e de nos esmarmos (*sic*) reciprocamente.

Ainda hoje o livro de Garcia Mérou sobre o Brasil é um livro lido e citado entre nós; enquanto o argentino culto distingue Oliveira Lima e Aluizio de Azevedo dos intercambistas banais, para exaltar num e noutros duas inteligências brasileiras durante largos anos associados superior e desinteressadamente à cultura e à vida argentina.

Mas foram esforços isolados, esses, de intelectuais de alto valor. O mais constante intercâmbio aparentemente intelectual entre nossos países continua uma superficial troca de amabilidades em que, em geral, se salientam letrados de segunda ordem, favorecidos por comissões oficiais ou oficiosas. Em geral, note-se bem; porque as exceções se impõem à nossa atenção. E como exceção é que se destaca o Sr. Sáenz Hayes com seu livro *El Brasil moderno*. (Cf. FREYRE 2003i: 108)

Embora, de maneira geral, pouco seja lembrado, não posso esquecer o nome de Martín Garcia Mérou, diplomata, viajante e homem de letras argentino. Seu livro *El Brasil intelectual* é difícil de encontrar, mesmo em loja de leilão. Garcia Mérou, espírito culto e perspicaz, era por natureza um caçador de valores novos. Mas no que possuía algo de jornalista era na urgência de revelar suas explorações bibliográficas, e num estilo solto, ágil, claro, bom para a compreensão do maior número de leitores. Garcia Mérou é o mais qualificado comentarista da literatura brasileira na Argentina. (SAÉNZ HAYES 2003: 140-41)

No que diz respeito ao comparatismo entre a Argentina e o Brasil, *El Brasil intelectual* de García Mérou deve ser entendida como uma obra de “começo”, o *beginning* da proposição conceitual cunhada por Edward Said (1975: 5 *passim*).¹¹ Não

11 “O começo (*beginning*)”, diz Edward Said, “é o primeiro passo na produção intencional de sentido”. Oposto à “origem” (*origin*) – proposição que, segundo o léxico conceitual do crítico

é o primeiro texto a incitar tanto a aproximação intelectual quanto a comparação entre os países. Tal obra, entretanto, sistematiza de maneira inaugural uma tópica acerca da questão. Por isso a sua distinção. *El Brasil intelectual* figura como um “grau zero” a propósito da sistematização do comparatismo literário e sociológico entre Argentina e Brasil, marco discursivo ao qual estarão necessariamente vinculadas as investigações posteriores.

A preocupação de García Mérou – como seria de toda uma época – consiste em se perguntar pela especificidade da literatura argentina, da literatura brasileira, enfim, pelo conceito de literatura nacional. Para aquele autor é crucial o questionamento das noções de fonte (Europa) e influência (Américas). Parece-lhe pertinente, por tudo isso, o comparatismo entre um Brasil intelectual com uma Argentina letrada. Ambos os países, ambas as literaturas, concebe García Mérou, padecem de nascimentos fatalmente equiparáveis. *El Brasil intelectual* vem a cumprir dita tarefa, pois, segundo o escritor e diplomata argentino, o comparatismo não só era visivelmente precário senão mesmo inexistente àquela época:

Por el momento, no conozco nada escrito entre nosotros respecto a ese gran país [Brasil], a no ser un interesante análisis de la Confederación dos Tamoyos, el poema de Magalhaes, escritor por Juan María Gutiérrez; algunos juicios literarios de Ernesto Quesada; la soberbia descripción de un trozo de naturaleza fluminense, que encuadra una de la bellas escenas del Fruto Vedado de Groussac, y las páginas literarias que le dedicó Sarmiento, en sus hermosos Viajes, ampliadas e rectificadas en parte algunos años más tarde, después de sus largas pláticas con el joven Emperador y sepultadas en un viejo libro difícil de encontrar hoy. En ellas, está impresa la garra pujante de nuestro gran escritor y, á pesar de sus descuidos de forma, merecen sacarse de la obscuridad del olvido en que reposan y donde escasos neófitos tiene el valor de buscarlas. (GARCÍA MÉROU 1900: 14)

A sequência do trecho remonta à avaliação de Sarmiento sobre o Rio de Janeiro, em seu livro *Viajes*. Apressadamente, o escritor unitarista e futuro presidente da República Argentina escreve ao *Señor don Miguel Piñero* a 8 de fevereiro de 1946, relatando sua temporada no Rio. É com notável deboche que Sarmiento retrata a figura do Imperador Dom Pedro II:

Es el Emperador un joven, idiota en el concepto de sus súbditos, devotísimo i un santo en el de su confesor que lo gobierna, mui dado a la lectura, e [sic] según el

palestino, consiste em suplantar uma associação religiosa por outra secular – o “começo” de um escritor, o “começo” de uma obra, ou, como sugerimos aqui, o “começo” de um projeto, de uma sistematização ou método comparativo, busca, portanto, produzir uma série de operações a fim de ou bem vinculá-los ou bem desviá-los de uma tradição anterior, fundamentando, assim, a posterior factibilidade de algo ainda em processo.

testimonio de un personaje distinguido, excelente jóven que no carece de inteligencia, aunque su juicio esté retardado por la falta de espectáculo, e las malas ideas de una educación desordenada. (SARMIENTO 1849: 118)

Citando a carta de Sarmiento a Mitre, quando da sua segunda visita ao Rio durante o ano de 1852, García Mérou chama a atenção para o fato de como passa a ser outro o tom sarmientino ao referir-se ao Imperador e ao Brasil, agora contemplando a ambos, diz Mérou, com “*ojos más simpáticos y major sagacidad y critério*” (GARCÍA MÉROU 1900: 15). Sarmiento recapitula para então fazer seu elogio do Brasil. E finalmente confessa a Mitre:

He sido recibido por el Emperador (...) con una indulgencia y atención que a veces lo hacía derogar de las formalidades de la etiqueta. La cuestión del Río de la Plata ha llamado la atención de este gobierno sobre la historia, las costumbres, los hombres y las cosas de nuestro país... El Emperador, joven de veintiséis años, y dotado de cualidades de espíritu y de corazón que lo harían un hombre distinguido en cualquiera posición de la vida, se ha entregado con pasión al estudio de nuestros poetas, publicistas y escritores sobre costumbres y caracteres nacionales. Echeverría, Mármol, Alberdi, Gutiérrez, Alsina, etc., son nombres familiares a su oído y por lo que a mí respecta, habíame introducido favorablemente Civilización y Barbarie, hace tiempo, con la primera edición, habiéndose procurado después Sud-América, Argirópolis y Educación Popular... (Sarmiento apud GARCÍA MÉROU 1900: 15-16)

Tamanha é a afinidade entre Sarmiento e o Brasil (um Brasil interessado pelas letras argentinas) nesse segundo momento que ele promete voltar a escrever sobre o país. Desgraçadamente – o tom lamentativo por nós endossado é de García Mérou –, tal promessa não é cumprida. E de tal forma contribui para o vasto hiato no comparatismo entre os países.

Publicado em 1900, *El Brasil intelectual* de Garcia Mérou, citado por Freyre e por Sáenz Hayes, vem com o propósito, portanto, de dar corpo a um *topói*, de sistematizar a proposta incipiente em Sarmiento e alguns poucos nomes das letras argentinas. E, com efeito, põe em andamento a aproximação e o diálogo intelectual entre as duas nações. “*He creído*”, García Mérou revela a seu leitor, “*que tal vez no estaría de más, para ayudar á este fin, estudiar de una manera general y sintética el movimiento actual de las letras en el Brasil*” (GARCÍA MÉROU 1900: 18).

Um casal de brasileiros em Buenos Aires: Lídia e Newton. Blas Matamoro e a reivindicação rio-pratense da obra freyreana

Antes de concluir é necessário mencionar outros dois pontos vinculados ao trânsito de Gilberto Freyre e sua obra entre Brasil e Argentina. Malgrado apenas o primeiro deles aparecer diretamente relacionado à viagem de Freyre a Argentina,

tanto um quanto o outro circunscrevem algo relevante no mapeamento das trocas intelectuais entre os dois países.

Primeiramente, as tarefas realizadas em Buenos Aires pelo casal de brasileiros formado por Lídia Besouchet,¹² escritora e alta funcionária do Escritório Comercial do Brasil na cidade portenha, e Newton Freitas.¹³ Atuam eles no meio intelectual e editorial portenho, sobretudo contribuindo com a imprensa e revistas culturais argentinas. É significativa, por exemplo, a publicação da coletânea *Diez escritores del Brasil* (1939) pela editora Gleizer estabelecida na cidade de Buenos Aires. Freitas, entre outras coisas, presta consultoria a editoras como a Losada, a Sudamericana, etc., recomendando nomes brasileiros a serem publicados no país. Um exemplo sintomático da tentativa de Freitas em promover a pronta aproximação cultural entre os países pode ser lido na correspondência entre este e Mário de Andrade. Fica evidente a desaprovação de Freitas em relação ao distanciamento entre os modernistas brasileiros e as vanguardas argentinas. Mário comenta em uma carta de 31 de janeiro de 1943:

Esse fandango, Newton Freitas não sabe dançar. Se perseguimos o caminho do seu pensamento e de sua obra vemos que nada existe de doutrinário na vida deste sulamericano. Sulamericano.... O próprio Newton Freitas, no seu estudo sobre Luiz Alberto Sánchez, se impacienta deste nosso isolamento na América Latina, aventando de maneira sutil e inesperada o problema das influências. É dramática a situação humana do Brasil na Sulamérica.

12 Lídia Besouchet de Freitas nasceu em Porto Alegre (RS) a 23 de maio de 1908, filha de pais nordestinos. Poeta, contista, ensaísta, romancista, crítica literária, teatróloga, caricaturista, biógrafa, historiadora. Quando criança, a família transfere-se para São João del Rei (MG). Na adolescência muda-se para Vitória (ES), onde cursa a Escola Normal, no antigo Colégio do Carmo. Começa nessa época a participar de todas as atividades culturais e artísticas capixabas. Em Buenos Aires atua como funcionária de alta hierarquia no Escritório Comercial do Brasil. Casa-se com o escritor e jornalista da embaixada brasileira, Newton Freitas. Pesquisou no arquivo da família de Gabriel Terra, do Uruguai, fonte de importantes documentos sobre o capitão da indústria no Brasil, o Barão de Mauá. Sobre este Lídia escreveu três livros, editados na Argentina e no Brasil. Reuniu e organizou a correspondência inédita entre o caudilho J. J. Urquiza e o Barão de Mauá. Fonte: IEB/USP.

13 Newton Freitas nasceu em Vitória em 1909. Trabalhou no Ministério das Relações Exteriores e foi adido cultural na Bélgica, na Inglaterra, no México, na Argélia, na França e na Espanha. Foi também diretor da Agência Nacional do Brasil. Divulgou a cultura brasileira no exterior, principalmente nos países hispano-americanos. Autor de vários livros, entre os quais aparecem *Alô afro-brasileiros; Ensaio americanos; Garibaldi na América; Literatura del Brasil e Jaburuna*. Também de sua autoria é "Lembranças antigas de Vitória", texto publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo* (n. 48, p.185-92). Faleceu no Rio de Janeiro, em agosto de 1996. Fonte: IEB/USP.

(...) Newton Freitas é o sulamericano sem sumário. (Mário de Andrade *apud* FREITAS 1975: 105-06)

Lídia publica “Gilberto Freyre em Buenos Aires” a 3 de abril de 1942. Tal artigo aparece, simultaneamente, no *Jornal do Commercio*, do Recife, e na revista paulistana *Planalto*. Trata-se de um informe sobre a visita de Freyre à cidade portenha naqueles tempos de lua de mel. Corresponde à descrição do encontro entre ambos na capital federal argentina. Das ideias compartilhadas entre Lídia e Freyre àquela ocasião sobressai a seguinte: o estancamento da “onda novelística no Brasil a partir de 1935” e, contrapartida disso, o renascimento dos “livros de crítica, de investigação sociológica e histórica” (BESOUCHET 2003: 135). A perspectiva ora compartilhada por Lídia e Freyre, sabemos, é insustentável. Para tanto, basta pensarmos em *Vidas secas* (1938), do mesmo Graciliano Ramos cuja narrativa, comenta Lídia, havia perdido força após *São Bernardo* (1934), ou, posteriormente, o *Grande sertão: veredas* (1956) de Guimarães Rosa. Sobre tal avaliação pesa seguramente a influência sedutora trazida pela época de vigor singular do ensaísmo sociológico brasileiro tal como ocorreria naqueles anos que vieram após as publicações de Freyre, de Sergio Buarque de Holanda, culminando em 1942 com o livro *Formação do Brasil contemporâneo* de Caio Prado Jr.

Por fim, Blas Matamoro. Esse escritor argentino publica “Gilberto Freyre: um discurso do método”, capítulo que originalmente integra o livro *Lecturas americanas* lançado em 1990 pela editoria madrilense Culturas Hispânicas (*Instituto de Cooperación Iberoamericana*). A proposta conclusiva de Matamoro é pela “reivindicação rio-pratense de Gilberto Freyre” (MATAMORO 2003: 160). A leitura do escritor argentino encontra na obra freyreana uma consistente relação entre sociologia e psicanálise. Por isso, argumenta, a pertinência em aproximá-la do “revisionismo da historiografia argentina”. Isso porque ambos os casos apresentam, para Matamoro, uma diversificação metodológica e, também, a incorporação do materialismo histórico, visto lançarem mão da “sociologia de campo” e da “psicanálise da cultura”.

Freyre teria promovido, segundo Matamoro (2003: 173), uma ruptura dentro do ensaísmo latino-americano ao desconectar-se das duas tradições geracionais então determinantes no continente: o positivismo, correspondente ao tempo das primeiras repúblicas; e o “neo-espiritualismo” de princípios do século 20 (na Argentina, a geração do Centenário, e, no México, a do *Ateneo de la Juventud*). Daí, portanto, a inovação freyreana. Abandona-se o âmbito do que era exclusivamente consciente, assim como fizera Freud, para tornar possível, diz o escritor argentino, uma “História do reverso da consciência”, uma “História do proibido”, pois incorpora à rica tradição da crítica histórica as descobertas da psicanálise a ponto de instituir uma nova antropologia da cultura. (Cf. MATAMORO 2003: 175-77)

A vindicação de Matamoro chama a atenção, pois, naquele contexto, a perspectiva crítica de certo “ensaísmo progressista” denegava o espólio metodológico

trazido pela obra freyreana.¹⁴ Apesar disso, Matamoro vê a possibilidade postular uma ascendência metodológica entre o revisionismo crítico argentino de então e a obra freyreana. E estabelece da seguinte maneira a dita “reivindicação rio-pratense” de Freyre:

Detive-me em exemplificar essa produção, pensando que estas linhas estão destinadas, sobretudo, a um público não argentino. Além disso, porque, se me é permitido o anacronismo, todos esses clássicos argentinos são claramente “freyreanos”. Muitos deles registraram em suas páginas as tradições orais recolhidas na rua ou no salão, quando não diretamente presenciadas ou copiadas da correspondência familiar. Era a história argentina, redigida com a liberdade literária que se permite o rapsodo épico e vista pela classe dirigente de um país em formação. Ali, tudo é válido: a opinião junto da objetividade, o relato de fatos junto da docência ético-política, o rigor documental com a imaginação romanesca. (MATAMORO 2003: 183)

Tal vindicação é possível, pois, para Matamoro, a obra freyreana permite sistematizar uma sorte de idiosincrasias de ordem metodológica então precursora – aqui uso a tal palavra à maneira do léxico borgeano¹⁵ – da formação de uma literatura nacional na Argentina¹⁶ e, sobretudo, da historiografia decimonônica¹⁷ desse mesmo país.

Considerações finais

A discussão do tema a propósito do intercâmbio cultural entre Brasil e Argentina em Gilberto Freyre permite lançar luz sobre um ponto não suficientemente discutido na obra do ensaísta brasileiro. É verdade que o conceito freyreano de *lusotropicalismo* implica, entre outras coisas, a concepção de um Brasil muito mais articulado culturalmente com o mundo africano setentrional e, posteriormente,

14 No prólogo da edição da *Biblioteca Ayacucho* de CS & S, por exemplo, Darcy Ribeiro explica isso como uma das decorrências em razão de Freyre ter sido um intelectual politicamente reacionário, pesando, também, o fato de que suas categorias antropológicas, ademais de tergiversar, terem sido superadas pela disciplina. (Cf. RIBEIRO 1979: ix-xli)

15 *El hecho es que cada escritor crea a sus precursores. Su labor modifica nuestra concepción del pasado, como ha de modificar el futuro* (BORGES 1989: 712). Ou seja, de uma leitura do presente capaz de arrancar o passado do seu lugar assentamento da tradição, de determinante, para algo determinado, reformulado no tempo, sobretudo a partir das releituras da tradição e do cânone.

16 Por ocasião são citados os romances *Amalia*, de José Mármol, *A grande aldeia*, de Lucio López, o *Facundo* e, também, *Recuerdos de provincia*, ambos de Sarmiento.

17 São citados os seguintes nomes da historiografia argentina: Vicente Fidel López, Lucio V. Mansilla e Adolfo Saldías; da escola positivista rio-pratense, citam-se as obras *La ciudad indiana*, de Juan Agustín, e *Las guerras civiles argentinas*, de Juan Alvarez.

o litoral da mesma região (os árabes, os berberes e os africanos nos séculos XIV e XV durante a expansão de atividades comerciais e escravocratas) do que com as outras partes das Américas. Entretanto, o quadro previamente armado por nós neste artigo permite demarcar pelo menos um momento em que o pensamento freyreano deteve-se em aproximar o Brasil da parte não portuguesa das Américas, sobretudo no que respeita a seus países vizinhos, como é o caso ora detalhado a respeito da Argentina, mas também com vasos comunicantes tanto no Paraguai quanto no Uruguai. É possível, portanto, considerar uma incipiente dimensão rio-pratense emergente do ensaísmo freyreano. Esse revisionismo obviamente não chega a desestabilizar a maneira de ler o pensamento de Gilberto Freyre na contemporaneidade. Mas oferece, sim, a possibilidade de ler a obra freyreana também em extensão intercontinental, sul-americana mais especificamente.

Quanto aos textos analisados aqui, eles obviamente não nos habilitam a falar de uma sistematização em Freyre quando ao comparatismo por trás das relações intelectuais entre Argentina e Brasil. Deixam ver, entretanto, uma concepção de Brasil (na lateralidade da obra freyreana) que *deve* estar relacionado com seus pares americanos. Portanto, não mais um Brasil apenas articulado com regiões culturais então determinadas pela colonização lusitana. Um Brasil, do ponto de vista freyreano, já contextualizado dentro da concepção de “ilhas sociológicas” aplicado às Américas. Um conceito de Brasil, portanto, reivindicando a si mesmo dentro de limites e das bordas de contato das Américas.

Isso possibilitou que o escritor recifense participasse de uma rede de relações intelectuais capaz de articulá-lo, hoje, com nomes que estão ativamente envolvidos na recepção e difusão de obras que permitem aproximações intelectuais entre Argentina e Brasil. Integra-lhe a um dos momentos profícuos do comparatismo entre ambos os países, fornecendo-nos relevante material para a discussão da *especificidade* epistemológica que nos caracteriza ante outros pensamentos, outras teorias, ante, também, outras literaturas.

Fontes consultadas

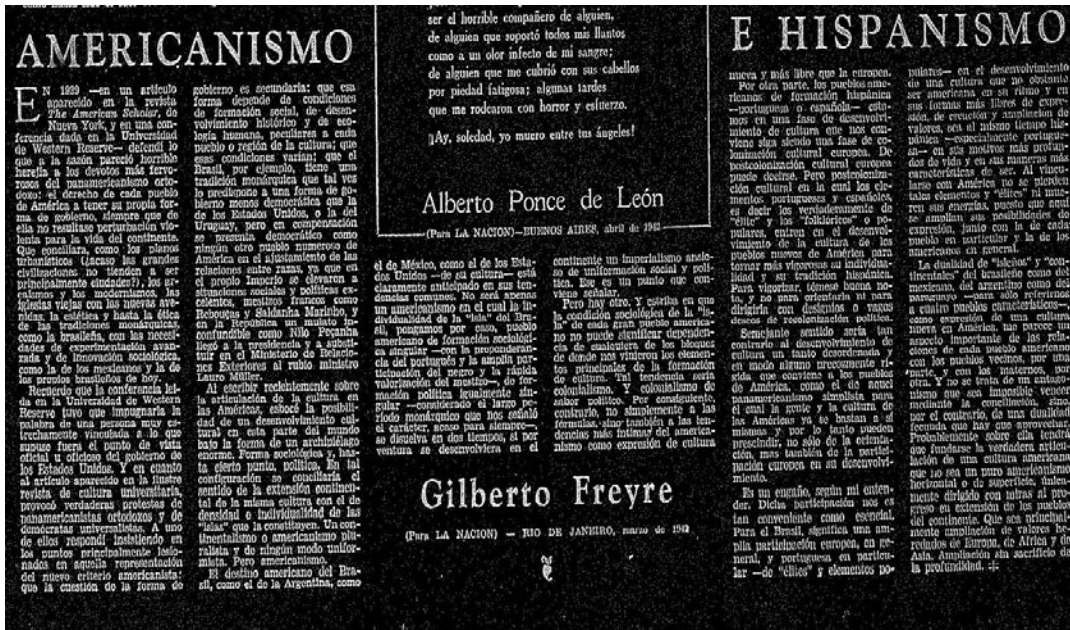


Figura 1. Americanismo e Hispanismo – La Nación, domingo 12 de abril de 1942



Figura 2. Un nuevo humanismo en el Brasil – La Nación, domingo 10 de maio de 1942

UN PALADIN DEL MODERNO HUMANISMO BRASILEÑO

EUCLIDES DA CUNHA
Por GILBERTO FREYRE

(Para LA NACION) — RIO DE JANEIRO, junio de 1942

En Euclides da Cunha encontramos, aun más que en Gonçalves Dias, una figura magnífica del precursor del moderno humanismo científico del Brasil. Arguye contra él, y con alguna razón, que en sus ensayos sobre la formación social del Brasil concede demasiada importancia al problema étnico, y que parece no haber ahogado con la extensión y la profundidad de la influencia de la llamada economía agrario-terrestre sobre la vida brasileña. Dicho en otros términos: desprecia el sistema monocultor, la fundista, esclavocrata, en el análisis de nuestra patología social y realiza la importancia del proceso biológico — la mezcla de razas — como factor, ora de valorización, ora de deterioro regional y nacional.

Por otra parte, son muy recientes los estudios que dentro y fuera del Brasil van estableciendo la primacía del factor cultural, inclusive el económico, entre las influencias sociales y del suelo, del clima, de la raza, de elementos hereditarios familiares que contribuyeron a la formación de la sociedad brasileña en general, y principalmente de sus formas agrarias o pastoriles, caracterizadas por el latifundio, por la exclusividad de producción y por el trabajo esclavo o semiesclavo. Con todas sus concomitancias patológicas de agricultura o de ganadería sin amor profundo a la tierra.

No debe asombrarnos que a Euclides da Cunha — a quien faltaban estudios rigurosamente especializados de antropología física y cultural — le impresionara muy profundamente el aspecto técnico, u ostensiblemente técnico, de la geografía humana del Brasil. Ni que en sus ensayos cavera, como cayó en más de una página elocuente, en el pesimismo de quienes no tienen fe en la capacidad de los pueblos de media sangre (o de varias sangres) para afianzarse en sociedades equilibradas y en organizaciones sólidas de economía, de gobierno y de carácter nacional. Escepticismo basado en fatalismo de raza. En determinismo biológico.

No hay par que asombrarse, porque de los contemporáneos de Euclides da Cunha, el propio Nina Rodrigues, con estudios especializados de antropología, y cuyo diagnóstico de psiquiatra del caso del *Consejero*, Euclides siguió muy de cerca, no criticó las exageraciones etnocéntricas en el análisis y en la interpretación de nuestra sociedad. Exageraciones que debían ser seguidas durante largos años, casi sin rectificación, por varios discípulos del sabio maranhense y retomadas por el profesor Oliveira Vianna en una obra erudita publicada después de 1920, cuando en el Museo Nacional comenzaba ya a esbozarse con Lacerda la tenden-

cia que ulteriormente acentuó el profesor Roquette Pinto, en el sentido de rehabilitar experimentalmente al mestizo brasileño, víctima de preconceptos científicos con apariencias de verdades antropológicas. Este rehabilitación es uno de los esfuerzos más salientes del humanismo científico de escritores e investigadores brasileños de nuestros días.

Aquellos conceptos fueron generales en el Brasil intelectual de 1910 y a veces envolvieron al propio Silvio Romero, cuya vida de guerrillero de ideas está llena de contradicciones. Solo una excepción se impone de modo absoluto: la de Alberto Torres, el primero que entre nosotros citó al profesor Franz Boas y sus estudios sobre las razas transatlánticas. Otra excepción: la de Manuel Bomfim, a quien una mística indiana o indiana, remanente a la de José de Vasconcelos en México, perturbó en sus propios estudios.

Por eso no nos sorprende la inclinación incógnita de Euclides

hacia el fatalismo de raza. A veces el se vio atraído por lo que consideraba como la antropología científica en su expresión única y definitiva a creer en la incapacidad del mestizo; incapacidad biológica, fatal. Océano entre el cientificismo y el humanismo científico.

Pero lo cierto es que no llegó a los extremos en la mística de cualquier teoría de superioridad racial. El perfil que traza del "sertanejo" (1), no es el de un partidario absoluto de semejante superioridad. Tampoco se concibe fácilmente que un hombre como Euclides da Cunha, animado por el culto de la personalidad humana, lo mismo que por el entusiasmo que despiertan los planes autóctonos de socialización de los grupos regionales o nacionales, podría ser hoy el entusiasta incondicional en idealista que entrevén en el algunos críticos de bellas letras, para quien la caracterización patológica de los individuos y de los pueblos es juego fácil de

la índole de camichos literarios o políticos de momento, o de entusiasmos doctrinarios de ocasión.

En Euclides da Cunha no fue absorbente el pesimismo en presencia de la mezcla racial. No lo apartó completamente de la consideración y del análisis de las poderosas influencias sociales, bajo cuya sombra se desarrollaron en el Brasil colonial condiciones y formas feudales de economía, y de vida que ya habían muerto en Europa occidental; rasgos aparentemente exóticos, pero, en realidad, de patología social, que el aislamiento de las poblaciones en el interior y aun en las proximidades del litoral debía conservar hasta nuestros días. Aquellos hacondados del interior a quienes el escritor vio estructurar "paralelamente las rentas de tierras vastísimas y sin dueños fijos" eran, a no dudarlo, la prolongación en el espacio y en el tiempo de los señores de la colonia. Unos y otros señores de esclavos o de semiesclavos "perdidos" en los *arrazados* y *minas*. Semiesclavos los de los lugares alejados de la costa, que recibían rítmicamente la vida entre los rebeldes que no les pertenecen.

Además, es probable que el movimiento misionario de Antonio Conselheiro — estudiado por Euclides da Cunha en su libro hoy clásico "Os sertões" — haya tenido alguna cosa de la rebeldía de los oprimidos, apenas vislumbrada por el autor. De ese modo Conselheiro fue, para la opinión europea, más azuzada en el diagnóstico de las revoluciones exóticas, la rebeldía de la clase oprimida. La reseña de Hachette de París sobre el año 1897 puede ser considerada como típica de aquel diagnóstico cuando hizo de Conselheiro (uno de los raros sudamericanos que por entonces alcanzaron fama mundial), una curiosa

figura de profeta que predicaba "lo comunismo en nuevos términos que el républicanismo de la monarquía". Sin embargo, aun cuando se admita el aspecto vagamente político de Conselheiro — aquella mezcla de "comunismo" con "monarquismo" —, lo cierto es que el movimiento de Conselheiro fue principalmente un choque violento de culturas: la del litoral, urbanizado y europeizado, con la arcaica, pastoril y quiete de los "sertões". Euclides reconoció fuertemente ese sentido social y ampliamente cultural del drama, aunque los preconceptos científicos — principalmente el de índole racial — hubieran sido un obstáculo para su análisis e interpretación de algunos de los hechos de la formación social del Brasil que su intrínseca agudeza supo discernir al buscar las raíces de Conselheiro. ¹

(1) Hablémos de un lugar muy al norte de la costa.

VERSOS DE LA PENUMBRA

A UN CANARIO

Invisible canario que desde mis prisiones
oigo que das tu canto al aromado viento,
ni conozco tu jaula, ni veo tus balcones:
diferase que canta por sí solo el cemental.

RAZON

Aquí se corta el camino
y hace una nueca el destino.

Miré demasiado
a lo ancho y profundamente.

Vivi más que otro cualquiera,
sobre todo en primavera.

Tengo, en fin, muchos más años
que dicen los cumpleaños.

LOS LIBROS LIGADOS

¿Quién ha atado mis libros
con alambres y cuerdas:
las páginas, los párrafos,
las líneas y las letras?

SUEÑO
DEL SUEÑO

Soñé con todo lo grande
que había en el universo.

Pero todo se me ha ido,
monte y mar, entre los dedos.

Y ya no tengo ni sueño.
Sólo sueño con mi sueño.

FERNANDEZ MORENO

(Para LA NACION) — BUENOS AIRES, junio de 1942

Figura 3. Un paladín del moderno humanismo brasileño: Euclides da Cunha — La Nación, domingo 21 de junho de 1942



Figura 4. Prudencia portuguesa – La Nación, domingo 6 de setembro de 1942

BUENOS AIRES, DOMINGO 27 DE SEPTIEMBRE DE 1942

EN TORNO A BERGSON

Por ADOLFO POSADA

(Para LA NACION) - MADRID, agosto de 1942

ma de nuestra juventud... un apuro de tiempo... se refiere en su libro...

ción y respecto a cada instante... un apuro de tiempo... se refiere en su libro...

IV
Según Bergson, la filosofía de Bergson descansa y vibra en una nueva actividad estética, la actividad...

en obra del análisis. llamamos intuición esa especie de percepción intuitiva...

habituales en analizar. Tránsito a los sentimientos... intuición que pretende percibir de los sentimientos...

La obra cuando inmediatamente por intuición... de la intuición...

ASPECTO RELIGIOSO DE LA FORMACION DEL BRASIL

Por GILBERTO FREYRE

(Para LA NACION) - RIO DE JANEIRO, agosto de 1942

NO conozco, en las aperturas de la historia... el aspecto religioso de la formación del Brasil...

debe las oficiales, demasiado ocupado para atender personalmente... el aspecto religioso de la formación del Brasil...

uno de los primeros palacetes de aquella ciudad... el aspecto religioso de la formación del Brasil...

heranos por un espíritu europeo... el aspecto religioso de la formación del Brasil...

religiones africanas por la política del Imperio... el aspecto religioso de la formación del Brasil...

La verdad es que todos a los que se refieren... el aspecto religioso de la formación del Brasil...

IDEARIO SUPERSTICIOSO

Por LEON BENAROS

(Para LA NACION) BUENOS AIRES, septiembre de 1942

Demorado en la infancia, sobornada en la febre vocación supersticiosa... Te aguardarán pequeñas con gratas...

en tuñidos fillos y en perdidos años, sobre musas curadas de palabras... Soy el que tiene la espantosa clave...

En habituales anacronismos la fuente del vivir son aguas marea... Aquí está lo que en lágrimas rescato...

Esto es lo que dió de lo que he visto, mi sola circunstancia miserable...

SUICIDIO

(Para LA NACION) BUENOS AIRES, septiembre de 1942

Miró el mar, y las últimas palomas... Encaséclo un minuto, pensativo... Un círculo callado se movía...

¡Oh, los mendidos ríos, la perdida ribera de algodón, y el hondo espliego!... Dijo algunas palabras, ¿Las subía en la sangre...

Volvió a pensar. Sus sienes descirían con una aroma denso de arbores...

AQUELLOS DIAS HAN PASADO...

Pónete en todos los lugares de antaño. Entretejida en lluvias, desahíndote con las hojas acariar tanta cosa perdida para siempre...

Desde la noche, vuelvete hacia el puente solitario, eternamente mordido por cielo y océano, entre lluvias...

ENRIQUE MOLINA (H.)

(Para LA NACION) - BUENOS AIRES, septiembre de 1942

Figura 5. Aspecto religioso de la formación del Brasil - La Nación, 27 de setiembre de 1942

Referências bibliográficas

ANTELO, Raul. Gilberto Freyre: alteração e interação. In: LUND, Joshua e McNee, Malcolm (eds.). *Gilberto Freyre e os estudos latino-americanos*. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2006, 53-98.

BESOUCHET, Lídia. Gilberto Freyre em Buenos Aires. In: FREYRE, Gilberto. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, 129-138.

BORGES, Jorge Luis. Kafka y sus precursores. In: _____. *Obras completas. 1923-1972*. Tomo I. Edición dirigida y realizada por Carlos V. Frías. Buenos Aires: Emecé, 1989, 710-12.

FREITAS, Newton. Correspondência de Mário de Andrade a Newton Freitas. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB/USP, 1975, nº 17, 91-120.

FREYRE, Gilberto. Americanidade e latinidade da América latina: crescente interpretação e decrescente segregação. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, 17-34.

_____. Interamericanismo. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003a, 47-52.

_____. Buenos Aires cheia de espanhóis. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003b, 53-56.

_____. Roquete Pinto no Paraguai. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003c, 79-82.

_____. Um exemplo argentino. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003d, 83-86.

_____. Outro exemplo argentino. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003e, 87-90.

_____. Americanismo e hispanismo. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003f, 91-94.

_____. Francia, filho de brasileiro. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003g, 95-98.

_____. O velho Garay. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003h, 103-06.

_____. Um argentino escreve sobre o Brasil. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003i, 107-14.

_____. A propósito de Natalicio Gonzalez. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003j, 119-23.

_____. Don Alfonso. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003l, 123-25.

_____. Entrevista concedida ao jornal *A Manhã*. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003m, 185-88.

_____. Editorial do jornal *A manhã*. In: _____. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003m, 189-90.

_____. Uma visão quase apologética do comportamento hispânico ou ibérico nos trópicos. Trad. De Roberto Harrop Galvão. In: FREYRE, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Organizado por Edson N. da Fonseca. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, 427-62.

GARCÍA MÉROU, Martín. *El Brasil intelectual. Impresiones y notas literarias*. Buenos Aires: Feliz Lajouane Editor, 1900.

LARRETA, Enrique Rodriguez; GIUCCI, Guillermo. Prefácio. In: FREYRE, Gilberto. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, 9-15.

_____. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936*. Trad.: Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MATAMORO, Blas. Gilberto Freyre: um discurso do método. In: FREYRE, Gilberto. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, 167- 84.

RIBEIRO, Darcy. Prólogo. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande y senzala*. Venezuela: Colección Biblioteca Ayacucho, 1979, ix-xli.

RUGAI BASTOS, Elide. Os autores brasileiros e o pensamento hispânico. In: *ANPOCS-98GT1021*. Caxambu – Outubro de 1998.

_____. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico. Entre Dom Quixote e Alonso el bueno*. Bauru: Edusc, 2003.

SÁENZ HAYES, Ricardo. Gilberto Freyre e a formação social brasileira. In: FREYRE, Gilberto. *Americanidade e latinidade da América latina e outros textos afins*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Prefácio de Enrique R. Larreta e Guillermo Guicci. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, 139-66.

SAID, Edward. *Beginnings. Intention and method*. New York: Basic Books, 1975.

SARMIENTO, Domingo FAUSTINO. *Viajes en África, Europa i América*. Santiago: Imprenta de Julio Belin, 1849.

Páginas consultadas na Internet

Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP. <http://www.ieb.usp.br/>. Para informações biográficas sobre Lídia Besouchet e Newton Freitas. (26/06/2014).

Fundação Gilberto Freyre. <http://www.fgf.org.br/>. Para Gilberto Freyre. (26/06/2014).

Open Library. <http://openlibrary.org/>. Para as obras de Sarmiento, García Mérou; permite leitura das obras digitalizadas e descarregamento. (26/06/2014).